

# Etnobotânica histórica das plantas do Maranhão no século XVII baseada na obra de Cristóvão de Lisboa

Jairo Fernando Pereira Linhares<sup>1\*</sup>

Maria Ivanilde de Araujo Rodrigues<sup>2</sup>

Patricia França de Freitas<sup>3</sup>

Claudio Urbano Bittencourt Pinheiro<sup>4</sup>

1. Agrônomo (Universidade Estadual do Maranhão). Doutor em Agronomia (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil).

2. Farmacêutica (Universidade Federal do Maranhão). Doutora em Botânica (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho). Professora da Universidade Estadual do Maranhão, Brasil.

3. Bióloga (Universidade Federal da Paraíba). Doutoranda em Botânica (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil).

4. Agrônomo (Universidade Estadual do Maranhão). Doutor em Biologia (City University of New York, EUA). Professor da Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

\*Autor para correspondência: jairoivini29@yahoo.com.br

## RESUMO

Quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil, ficaram impressionados com a diversidade de plantas e de usos conhecidos pelos indígenas. O objetivo geral do estudo foi o de verificar os usos e procedências das plantas do Maranhão no século XVII mediante análise documental da obra de Cristóvão de Lisboa, e mais especificamente; identificar as plantas de acordo com a nomenclatura botânica atual. A metodologia do trabalho baseou-se na consulta da edição fac-símile da obra 'História dos animais e árvores do Maranhão'. Da totalidade de plantas (n= 55) extraídas da obra, 87,27% (n= 48) foram identificadas botanicamente pelo menos ao nível de família, e, 12,73% (n=07) não foram identificadas. Quanto à procedência das espécies, 98,18% (n= 54) foi constituída por espécies nativas, e apenas 1,82% (n= 1) constituída por exótica. A importância alimentícia teve grande destaque entre os usos levantados (74%). A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz; Euphorbiaceae) e os maracujás (*Passiflora* spp.; Passifloraceae), foram as espécies mais conhecidas entre os indígenas da época. Por fim, o número total de plantas contidas na obra de Cristóvão de Lisboa (n=55), foi aquém do esperado para o Maranhão, área de contato entre os principais biomas brasileiros.

**Palavras-chave:** Historiografia de plantas, análise documental, Flora do Maranhão.

## Historical Ethnobotany of the plants of Maranhão in century XVII based on the work of Cristóvão de Lisboa

## ABSTRACT

When the Portuguese settlers arrived in Brazil, they were impressed by the diversity of plants and uses known to the Indians. The general objective of the study was to verify the uses and provenances of the plants of Maranhão in century XVII through documentary analysis of the work of Cristóvão de Lisboa, and more specifically; identify the plants according to the current botanical nomenclature. The methodology of the work was based on the consultation of the facsimile edition of the work 'History of animals and trees of Maranhão'. Of the total number of plants (n = 55) extracted from the work, 87.27% (n = 48) were identified botanically at least at the family level, and, 12.73% (n = 07) were not identified. Regarding the origin of the species, 98.18% (n = 54) was composed of native species, and only 1.82% (n = 1) consisted of exotic species. The importance of food was highlighted among the uses raised (74%). The manioc (*Manihot esculenta* Crantz; Euphorbiaceae) and passion fruit (*Passiflora* spp.; Passifloraceae) were the best-known species among the Indians of the time. Finally, the total number of plants contained in the work of Cristóvão de Lisboa (n = 55) was lower than expected for Maranhão, an area of contact between the main Brazilian biomes.

**Keywords:** Historiography of plants; documentary analysis; Flora of Maranhão.

## Introdução

O surgimento de novas sociedades formadas a partir da expansão colonial europeia resultou na construção de novas formas de dominação, dentre elas, a de coletar e controlar as informações sobre os usos e potencialidades dos vegetais (GESTEIRA, 2013). No século XVII, após a tomada de São Luís pelos franceses e a instalação da França Equinocial em terras do Maranhão, os frades capuchinhos Claude D'Abbéville em 1614 e Yves D'Évreux em 1615, registraram a história natural e a etnografia da região, e após a expulsão dos franceses, o franciscano português Cristóvão de Lisboa foi enviado ao Maranhão (ÁVILA-PIRES, 1992).

Quando chegaram ao Brasil, os colonizadores portugueses ficaram impressionados com a diversidade de plantas e a infinidade de usos dados pelos povos indígenas na América portuguesa (APOLINÁRIO, 2013). No Maranhão, o registro desse conhecimento foi feito pelo franciscano Cristóvão de Lisboa. A Obra do missionário Cristóvão de Lisboa, "História dos Animais e Árvores do Maranhão", escrita presumivelmente, entre 1624 e 1627, foi

impresa apenas em 1967, produzida concomitantemente quando o missionário desenvolvia seu trabalho de evangelização dos índios (PEIXOTO; ESCUDEIRO, 2010).

Séculos mais tarde, Lévi-Strauss (1989), ao estudar como os povos primitivos classificavam as plantas e os animais, concluiu que as espécies vegetais e animais não seriam conhecidos se não fossem úteis ou nocivas para os grupos humanos considerados primitivos.

A classificação de animais e plantas feitas na época obedecia a critérios utilitários ou aristotélicos, tais critérios, respondiam aos interesses da peleteria, tinturaria, culinária e médica, entre outros (ÁVILA-PIRES, 1992). Dessa forma, o resgate dos estudos realizados pelos portugueses, referentes à história natural do Brasil, em especial, do Maranhão, se faz necessário tornar público, principalmente aos estudiosos relacionados à biodiversidade, botânica econômica, etnobotânica e áreas afins, visto que, outras nações europeias se notabilizaram no campo da história natural, fazendo com que o conhecimento da flora pretérita e de seus respectivos usos, seja desconhecida na atualidade, pelo menos em parte.

Nesse sentido, a pesquisa documental contribui com questões importantes sobre a utilização da flora brasileira e extra Brasil em séculos passados através de análise minuciosa das fontes documentais, trazendo essa informação à luz do conhecimento botânico atual (MEDEIROS, 2009).

O objetivo geral do estudo foi o de verificar os usos e procedências das plantas do Maranhão no século XVII mediante análise documental da obra de Cristóvão de Lisboa, e mais especificamente; identificar as plantas de acordo com a nomenclatura botânica atual.

### Material e Métodos

Para coleta dos dados, foi consultada a edição fac-símile da obra do missionário Cristóvão de Lisboa - 'História dos animais e árvores do Maranhão', esta se constitui na fonte documental primária para elaboração do código das plantas maranhenses no séc. XVII, doravante chamadas de referência direta (RD).

Os etnônimos encontrados na obra, relativos aos nomes das plantas, foram transcritos conforme achados na referência direta, mantendo-se assim, a versão paleográfica das fontes primárias. Como a primeira língua nativa que os missionários que aqui chegaram aprenderam foi o Tupi-Guarani (MELATTI, 1980), buscou-se a elucidação das identidades botânicas a partir de consultas aos trabalhos de Miranda (1942); Edelweiss (1969); Betts (1981).

Sendo assim, a utilização dos etnônimos exige um esclarecimento. Por um lado é indispensável para caracterização das espécies, por outro lado, pode suscitar erros, uma vez que o método adotado pelo autor da obra pesquisada foi o auditivo, o que pode variar em função da extensão geográfica pesquisada, e tornar sujeitas as interpretações pessoais dos povos que deram as informações.

De posse do método adotado pelo autor da obra para a coleta das informações (auditivo), inferimos a possibilidade da existência de corruptelas, e a partir daí, comparou-se as características das plantas contidas nas obras de referência, com as descrições contidas em manuais de identificação de plantas da atualidade, em especial dos manuais sobre plantas maranhenses, quando as informações existentes assim permitirem, ou seja, nomes e características morfológicas que guardem semelhanças.

Outra forma encontrada para auxiliar na identificação botânica da referência direta foi através das descrições, origens e usos encontrados na RD.

A origem das plantas foi definida mediante informações contidas na própria obra, pois algumas referências diretas mencionam a origem. Outra forma utilizada foi a partir da identificação das plantas e da pesquisa bibliográfica. As Referências Diretas com etnônimo de origem Tupi-Guarani que não puderam ser identificadas botanicamente foram consideradas de origem nativa, já que a introdução de espécies exóticas se intensificou a partir do século XIX (NOGUEIRA, 2000). As referências diretas citadas utilizadas como medicinais, foram deliberadamente destituídas as suas propriedades, uma vez que os termos empregados, mudam de acordo com o contexto e a época em que foram produzidos, merecendo, portanto, estudo complementar.

Outro recurso importante que integrou a pesquisa documental referente à identificação botânica, foi a utilização das iconografias existentes na obra (Figura 1a-d).

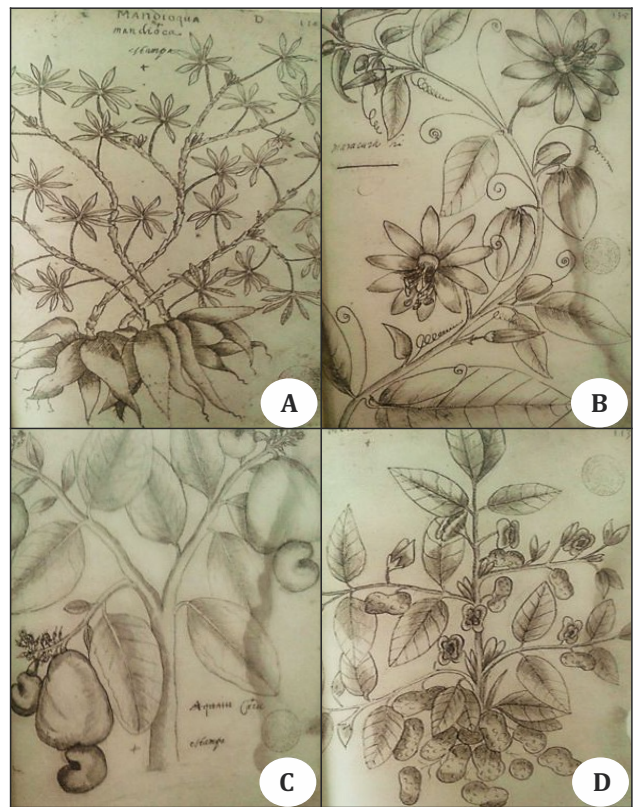


Figura 1. Algumas das ilustrações contidas na obra de Cristóvão de Lisboa retratando plantas conhecidas na época. A) Mandioca. B) Maracujá. C) Caju. D) Amendoim. Século XVII. / Figure 1. Some of the illustrations contained in Cristóvão de Lisboa work depicting plants known at the time. A) Manioc. B) Passion fruit. C) Cashew. D) Peanut.

A nomenclatura botânica empregada foi atualizada tendo como base de dados The International Plant Names Index - IPNI (2006), Missouri Botanical Garden's VAST (VASCular Tropicos) nomenclatural data-base - W3 Tropicos (2006) e em literatura especializada. A abreviatura dos nomes dos autores das espécies seguiu Brumitt & Powell (1992).

Contudo, é digno de nota, que nem todos os etnônimos estão acompanhados de ilustrações na obra consultada.

Os usos atribuídos às referências diretas, somente foram registrados aqueles colocados na obra de forma explícita, muito embora seja presumível a sua utilidade. Pois de acordo com Lévi-Strauss (1989), o homem primitivo, define, classifica, e descreve somente aquilo que lhes fossem útil, ou nocivo.

A discussão dos resultados com trabalhos produzidos na atualidade, só foram feitas quando havia relação direta com o assunto. Além, é claro, de cumprir com o principal papel do resgate histórico de informações, para interpretar e atualizar a informação de modo a dar utilidade ao conhecimento resgatado.

### Resultados e Discussão

As referências diretas extraídas das obras de Cristóvão de Lisboa foram dispostas em tabela contendo informações sobre: a família botânica, nome científico, RD, usos, e quanto à origem das espécies botânicas (Tabela 1).

Tabela 1. Referências diretas (RD) citadas nas obras de Cristóvão de Lisboa das plantas maranhenses no séc. XVII, seguidas das respectivas identificações botânicas, em nível de famílias, e de espécies, bem como de seus usos: alimentação humana (1), medicinal (2), utensílios (3), corante (4), tóxica (5), vestuário (6), construção (7), óleo (8), madeira (9), fumo (10) e quanto à origem: nativa ou exótica. / Table 1. Direct references (RD) cited in the works of Cristóvão de Lisboa of the Maranhão plants in the 19th century. (1), medicinal (2), utensils (3), dye (4), toxic (5), clothing (1), clothing (6), construction (7), oil (8), wood (9), smoke (10) and origin: native or exotic.

Família Botânica	Nome Científico	RD	Uso	Origem	
				Nativa	Exótica
Anacardiaceae	<i>Anacardium</i> sp.	quaiu	1	X	-
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	caia	1,2	X	-
Annonaceae	<i>Duguetia</i> sp.	biriba	1	X	-
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	mangauaieira	1	X	-
Arecaceae	<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	tuqum	1	X	-
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	morety	1	X	-
Arecaceae	<i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude	naia	1	X	-
Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	pindobaite	1,7	X	-
Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	cuiite	1,3	X	-
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	oroquu	4	X	-

Cont.

**Tabela 1.** Referências diretas (RD) citadas nas obras de Cristóvão de Lisboa das plantas maranhenses no séc. XVII, seguidas das respectivas identificações botânicas, em nível de famílias, e de espécies, bem como de seus usos: alimentação humana (1), medicinal (2), utensílios (3), corante (4), tóxica (5), vestuário (6), construção (7), óleo (8), madeira (9), fumo (10) e quanto à origem: nativa ou exótica. / **Table 1.** Direct references (RD) cited in the works of Cristóvão de Lisboa of the Maranhão plants in the 19th century. (1), medicinal (2), utensils (3), dye (4), toxic (5), clothing (1), clothing (6), construction (7), oil (8), wood (9), smoke (10) and origin: native or exotic.

Cont.

Família Botânica	Nome Científico	RD	Uso	Origem	
				Nativa	Exótica
<b>Bromeliaceae</b>	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	ananas	1	X	-
<b>Bromeliaceae</b>	<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Maz	caraguoaatha	5	X	-
<b>Burseraceae</b>	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	sequeriba	3	X	-
<b>Cactaceae</b>	<i>Cerejua jamaçaru</i> DC.	comanacaru	1	X	-
<b>Caricaceae</b>	<i>Carica papaya</i> L.	mamão	1	X	-
<b>Clusiaceae</b>	<i>Platonia insignis</i> Mart.	paquori	1	X	-
<b>Convolvulaceae</b>	<i>Ipomea</i> sp.	gitica	1	X	-
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	hubahem	1	X	-
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	yeremu	1	X	-
<b>Cucurbitaceae</b>	Indeterminado	yha	1	X	-
<b>Dioscoreaceae</b>	<i>Dioscorea alata</i> L.	cara	1	X	-
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	iuruquo	1	X	-
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioqua ata	1	X	-
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioqua ati	1	X	-
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioqua aguo	5	X	-
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	maquaxeira	1	X	-
<b>Fabaceae</b>	<i>Arachis hypogea</i> L.	mendoim	1	X	-
<b>Fabaceae</b>	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	comenda	1	X	-
<b>Fabaceae</b>	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Mills	comemdagura	1	X	-
<b>Asteraceae</b>	<i>Clibadium</i>				
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Euphorbia cotinifolia</i>	timbo	2,5	X	-
<b>Fabaceae</b>	<i>Tephrosia</i> sp.				
<b>Asteraceae</b>	<i>Clibadium</i>				
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Euphorbia cotinifolia</i>	timbo do Para	5	X	-
<b>Fabaceae</b>	<i>Tephrosia</i> sp.				
<b>Lecythidaceae</b>	<i>Lecythis</i> sp.	anhauba	1	X	-
<b>Lecythidaceae</b>	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	sapuquaia	1	X	-
<b>Malpighiaceae</b>	<i>Byrsonima</i> sp.	morecim	1	X	-
<b>Malvaceae</b>	<i>Gossypium arboreum</i> L.	manoiu	6	X	-
<b>Malvaceae</b>	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	ibomguiua	1	X	-
<b>Musaceae</b>	<i>Musa paradisiaca</i> L.	pacoueira	1	-	X
<b>Musaceae</b>	<i>M. sapientum</i> L.				
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium kennedyanum</i> Morong	arasa	1	X	-
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium</i> sp.	aracarainha	1	X	-
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium</i> sp.	arasa asu	1	X	-
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium</i> sp.	arasa una	1,4	X	-
<b>Passifloraceae</b>	<i>Jaracatia</i> Marcgr. ex Endl.	iaraquatia	1	X	-
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora</i> sp.	maracuaia	1	X	-
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora</i> sp.	maracuiahi	1	X	-
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora</i> sp.	maraguomerim	1	X	-
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora</i> sp.	maraquiaia	1	X	-
<b>Rubiaceae</b>	<i>Genipa americana</i> L.	genipapo	1,3,4	X	-
<b>Solanaceae</b>	<i>Capsicum</i> sp.	quinha	1	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	amingua	1	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	ereitiuna	3	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	tamotarana	1	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	ubapeua	1	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	vuaxainha	1	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	yuambu	2	X	-
<b>Indeterminada</b>	Indeterminado	ynambucaru	1	X	-
<b>Total</b>			55	54	01

Da totalidade de plantas (n= 55) extraídas das referências diretas contidas na obra de Cristóvão de Lisboa, 87,27% (n= 48) foram identificadas botanicamente pelo menos ao nível de gênero, ou de família, e, 12,73% (n=07) ficaram indeterminadas devido a poucos elementos que pudessem levar a identificação botânica de acordo com as normas nomenclaturais atuais.

Por ter sido, Cristóvão de Lisboa, um religioso, não possuía formação em botânica, além do mais, na época que foi gerado os dados, o Brasil se encontrava totalmente sob o monopólio português. Desta forma, o acesso a obras que permitissem a identificação da flora, era escasso. Esta situação começou a se reverter a partir de 1808 com a vinda da família real para o Brasil, e a abertura dos portos às nações estrangeiras, com isso, várias expedições científicas envolvendo botânicos de nações aliadas, permitiram avanços

aos estudos botânicos (NOGUEIRA, 2000).

Portanto, devido às dificuldades encontradas por Cristóvão de Lisboa em descrever com maior riqueza de detalhes as espécies levantadas, e por nem todas as plantas foram retratadas na obra em pranchas, acabou ocasionando complicadores para revelar a identidade botânica dentro dos critérios científicos atuais.

Em vista dessas especificidades, os estudos etnolinguísticos se tornam importantes ferramentas no auxílio da identificação botânica, notadamente em pesquisas utilizando de textos antigos onde as regras botânicas não vigoram. Por outro lado, existe um complicador quando se recorre apenas aos estudos etnolinguísticos na identificação botânica, pois na maioria das vezes, esses nomes correspondem a um conjunto de espécies com características semelhantes, como por exemplo, no presente estudo, o timbó.



Quanto à procedência das espécies, 98,18% (n= 54) das referências diretas foi constituída por espécies nativas, e apenas 1,82% (n= 1) referência constituída por espécie exótica. A seguir, gráfico com distribuição das frequências das referências diretas quanto à origem (Figura 2).

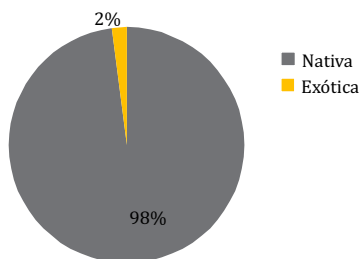


Figura 2. Origem das referências diretas no século XVII. / Figure 2. Origin of direct references in the 17th century.

A pacoueira (*Musa paradisiaca* L.; *M. sapientum* L.; Musaceae), foi a única espécie exótica catalogada na obra. É uma das plantas mais antigas cultivadas pelo homem, originária da Ásia, muito embora já houvesse registro de sua ocorrência no século XVI, no Rio de Janeiro (HOHENE, 1937 apud RIBEIRO, 1987).

A baixa frequência de referências diretas citando plantas exóticas já era esperada para o início da colonização, uma vez que a circulação de plantas foi-se intensificando entre as colônias portuguesas ao longo do tempo. A introdução de espécies exóticas teve um incremento em 1808 quando D. João instituiu o Jardim da Aclimação, que mais tarde passou a chamar-se de Real Horto, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e por último, Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde a noz moscada, cânfora, manga, abacate e espécies de palmeiras, foram as primeiras espécies introduzidas (NOGUEIRA, 2000). Daí justifica-se que no levantamento das plantas feito por Cristóvão de Lisboa no século XVII, não constar uma das frutas mais conhecidas e populares do Maranhão, a manga (*Mangifera indica* L.; Anacardiaceae).

Das referências diretas de origem nativa, teve destaque para as variedades de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz; Euphorbiaceae), são elas: iuruquo, mandioqua ata, mandioqua atij, mandou agoa, maquaxeira. A mandioca era e ainda é, a principal planta cultivada pelos povos Tupi-Guarani e populações rurais, sendo à base da alimentação, conheciam duas espécies, doce e amarga (*Manihot dulcis* e *Manihot utilíssima*) perfazendo 24 variedades (RAMOS, 1997). O “complexo mandioca” é para os Tupi-Guarani, o equivalente ao “complexo do milho” para os índios norteamericanos (RAMOS, 1997).

As espécies de maracujás (*Passiflora* spp.; Passifloraceae), também eram relativamente bem conhecidas, haja vista reconhecerem várias espécies: maracuaia, maracuiahi, maraguomerim, maraquiia, perfazendo 4 espécies.

Não obstante, o colono português trouxe consigo hábitos alimentares e desde muito cedo foram introduzidos o cultivo de legumes, verduras e frutas não apenas originários da Europa, mas também os cultivos já aclimatados ao continente, como a romãzeira, trigo, espécies de laranjas, couves, limão, salsaparrilha, abóbora, couve-flor, lentilha e bananeta (GESTEIRA, 2013).

Por outro lado, o colono português, incorporou ao seu hábito alimentar a mandioca, a batata doce e o milho da terra (GESTEIRA, 2013).

Quanto aos usos das referências diretas, foram distribuídas em sete categorias de uso, como pode ser observado no gráfico a seguir (Figura 3).

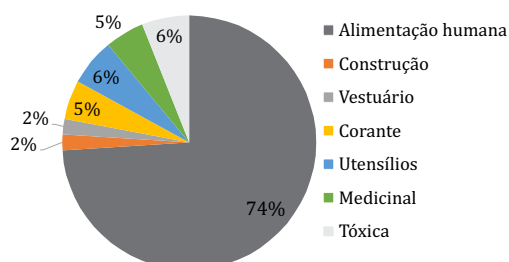


Figura 3. Usos das referências diretas no século XVII. / Figure 3. Uses of direct references in the seventeenth century

A importância alimentícia teve grande destaque entre os usos levantados (74%). Segundo Ramos (1971), várias frutas serviam para a preparação de cauim (bebidas fermentadas) como o ananás, banana, jenipapo, mangaba, jabuticaba, muito embora, a mandioca doce, uma raiz, fosse a preferida para a produção da referida bebida.

Por outro lado, as plantas tóxicas (6%), conhecidas genericamente como timbó tem importância na aquisição de fontes de proteína animal. O processo de pesca por intoxicação mediante sumo de raízes e caules dessas plantas, maceradas, socadas e batidas n'água, tonteando os peixes, que sobem à tona e são apanhados com a mão (VERÍSSIMO, 1970 apud RIBEIRO, 1987).

## Conclusão

As plantas alimentícias tiveram participação destacada na obra de Cristóvão de Lisboa. A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz; Euphorbiaceae) e os maracujás (*Passiflora* spp.; Passifloraceae), foram as espécies mais conhecidas entre os indígenas da época. A baixa ocorrência de plantas exóticas já era esperada, uma vez que a circulação de plantas foi-se intensificando tempos mais tarde, quando D. João em 1808 instituiu o Jardim da Aclimação. Por esse motivo é que a manga (*Mangifera indica*; Anacardiaceae), fruteira das mais populares no Maranhão, não foi mencionada na obra. Por fim, o número total de plantas contidas na obra de Cristóvão de Lisboa, foi abaixo do esperado para o Maranhão, área de contato entre os principais biomas brasileiros.

## Referências Bibliográficas

- APOLINÁRIO, J. R. Plantas Nativas, indígenas coloniais: usos e apropriações da flora da América Portuguesa. In: Loreai Kury. (Org.). **Usos e Circulação de Plantas no Brasil**. 3ed. Rio de Janeiro: Kakobsson, 2013, v. 1, p. 323.
- ÁVILA-PIRES, F. D. Mamíferos descritos na Poranduba maranhense de frei Francisco dos Prazeres. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 9, p. 203-213, 1992.
- BETTS, L. V. **Dicionário Paritintin**. Sociedade Internacional de Linguística/Departamento de Programas Linguísticos, Cuiabá, p. 231. 1981.
- BRUMITT, R. K.; POWELL, C. E. **Authors of Plant Names: a list of authors of scientific names of plants**, with recommended standard forms of their names, including abbreviations. Royal Botanic Gardens, Kew, p. 732, 1992.
- EDELWEISS, F. G. **Estudos Tupis e Tupis-Guaranis: confrontos e revisões**. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, p. 299, 1969.
- GESTERA, H. M. A América portuguesa e a circulação de plantas Séculos XVI-XVIII. In: Kury, L. (Org.). **Usos e Circulação de plantas no Brasil Séculos XVI-XIX**. 1 ed. Andrea Jakobson Estúdio Editorial Ltda., Rio de Janeiro, 2013, 324p.
- LÉVI-STRAUSS, C. A ciência do concreto, p.15-49. In: **O pensamento selvagem**. Editora Papyrus, Campinas, 1989, p. 315p.
- LISBOA, F. C. de. **História dos animais e árvores do Maranhão**. Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, p. 735, 1967.
- MEDEIROS, M. F. T. **Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos**. NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, Recife, p. 84, 2009.
- MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. Editora Hucitec, Brasília/Instituto Nacional do Livro. Ministério da Cultura, p. 220, 1980.
- MIRANDA, V.C. Estudos sobre o Nhêengatú. In: Rodolfo Garcia. **Exotismos franceses originários da Língua Tupi**. Volume LXIV. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 307, 1942.
- MISSOURI BOTANICAL GARDEN'S VAST (VAscular Tropicos) nomenclatural data base - W3 Tropicos. Disponível em: <http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>. Acesso em: 28 de abril de 2017.
- NOGUEIRA, E. **Uma história brasileira da botânica**. Paralelo 15 - [São Paulo]: Marco Zero, [Brasília], p. 255, 2000.
- PEIXOTO, A. L.; ESCUDEIRO, A. *Pachira aquatica* Aubl. (Bombacaceae) na obra “História dos Animais e Árvores do Maranhão” de Frei Cristóvão de Lisboa. **Rodriguesia**, v. 53, p. 123-130, 2002.
- RAMOS, A. **Introdução à antropologia brasileira: as culturas indígenas**. Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, p. 316, 1971.
- RIBEIRO, B. G. O índio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Revan, p. 185, 1987.
- SILVA, M. F. **Nomes vulgares de plantas amazônicas**. INPA, Belém, p. 22, 1977.
- THE INTERNATIONAL PLANT NAMES INDEX - IPNI. <http://www.ipni.org/ipni/plantnamesearchpage.do>. Acesso em: 28 de abril de 2017.